

107



Estado atual do muro mostrado na capa do QI 106.

RENOVAÇÃO DE ASSINATURA

2010 terminou e com isso completamos os 6 números da assinatura anual.

Agradeço a todos que prestigiaram a publicação durante este período e espero que continuem prestigiando neste novo ano.

Para renovar a assinatura para mais 6 números em 2011, o preço é o mesmo – R\$ 20,00 – e o modo de pagamento pode ser cheque nominal, grana ou selos disfarçados, ou, mais prático:

Depósito na conta em nome de Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388 – operação 001 – conta corrente 5836-1.

O depósito pode ser feito em Casas Lotéricas, mas, neste caso, somente em dinheiro.

IMPORTANTE: depois de efetuar o depósito, me avise (por e-mail ou carta) o dia em que fez o depósito, o horário, se foi em Lotérica ou agência da Caixa, se foi cheque, dinheiro ou transferência bancária. E, obviamente, quem fez o depósito, para que eu possa enviar o “QI” posteriormente. Não é necessário enviar cópia do recibo de depósito, desde que informe os dados mencionados acima. Reafirmo a importância de me escrever confirmando o depósito, pois na maioria das vezes eu não tenho como identificar o depositante somente pelo depósito. E é desagradável eu não poder enviar o “QI” para quem efetivamente pagou a assinatura.

Obrigado.

QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 107 JANEIRO/FEVEREIRO DE 2011

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.
Fone: (035) 3641-1372 (sábado e domingo).
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

PREÇO DA ASSINATURA: R\$ 20,00

Assinatura anual correspondente aos n°s 107 a 112
Pagamento através de cheque nominal, selos, dinheiro
ou depósito para Edgard José de Faria Guimarães:

Caixa Econômica Federal – agência 1388
operação 001 – conta corrente 5836-1

Envie cópia do recibo de depósito para controle.

O depósito pode ser feito em Casa Lotérica (só em dinheiro).

ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

EDITORIAL

Iniciamos o segundo ano a partir da adoção do sistema de assinaturas. Além dos assinantes, o “QI” também é enviado para os editores que me mandaram suas edições, no clássico sistema de troca de fanzines.

Minha intenção era manter o tamanho do “QI” no limite máximo de 28 páginas e consegui isso em quase todos os números de 2010. No entanto, esse primeiro número de 2011 está saindo com 24 páginas apenas. Acho que fim de ano não ajuda muito quem costuma mandar colaborações. Em compensação, a parte informativa está bem recheada. E com a chegada de um novo colaborador, Edgar Indalecio Smaniotto, que pretende manter uma coluna regular com resenhas de obras relacionadas aos quadrinhos.

Outro destaque desse número é a matéria do Worney sobre o Dia do Quadrinho Nacional e a Premiação do Angelo Agostini. Infelizmente, como este ano a data do evento foi antecipada em relação aos anos anteriores, o “QI” não conseguirá chegar ao leitor antes do evento. Mas espero que todos tenham tomado conhecimento por outras fontes e possam ter comparecido à festa.

Nos quadrinhos, as colaborações de Aline e de Celsinho com o personagem de Anjos.

Muito obrigado a todos que fizeram ou renovaram a assinatura e que 2011 seja um ano bem produtivo.

Boa leitura!



LANÇAMENTOS

SÉRGIO LUIZ FRANQUE

Sérgio Luiz Franque faz mais três grandes lançamentos.

O primeiro é o “Almanaque Tarzan 2011”. Este almanaque traz duas das quatro graphic novels de Tarzan produzidas por Russ Manning para o mercado europeu. São as histórias ‘O Mundo que o Tempo Esqueceu’ e ‘O Poço do Tempo’. Estas duas histórias foram publicadas pela Ebal, na década de 1970, nos dois volumes da coleção “Edição Gloriosa”. O almanaque tem 100 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R\$ 60,00**.

O segundo é a revista “Tarzan” nº 6, de junho de 2010, com a aventura ‘O Deus de Tarzan’ de Burne Hogarth, inédita no Brasil. Traz também a aventura ‘Os Monstros Humanos’ de Don Glut, Danny Bulanadi, Dave Stevens e Russ Manning. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R\$ 30,00**.

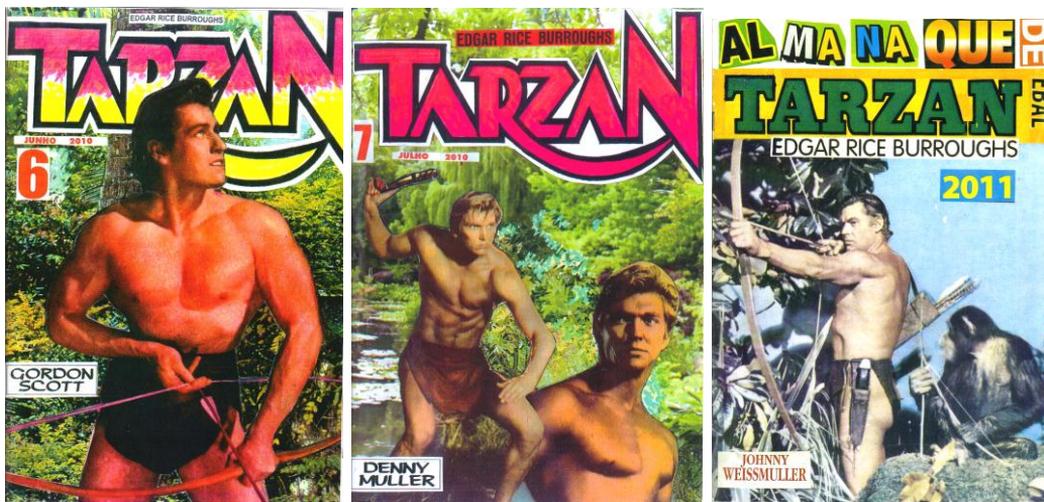
O terceiro é a revista “Tarzan” nº 7, de julho de 2010, com a aventura ‘O Pesadelo de Tarzan’ de Burne Hogarth, inédita no Brasil. Traz também a aventura ‘O Tigre Sanguinário’ de Don Glut, Rick Hoberg, Bill Wray e Russ Manning, além de ilustrações de Sérgio Luiz Franque. A revista tem 52 páginas em preto e branco, capa colorida e custa **R\$ 30,00**.

Sérgio está preparando duas novas revistas do gênero faroeste, sendo a primeira intitulada “O Cowboy do Cinema” com Roy Rogers estrelando o primeiro número.

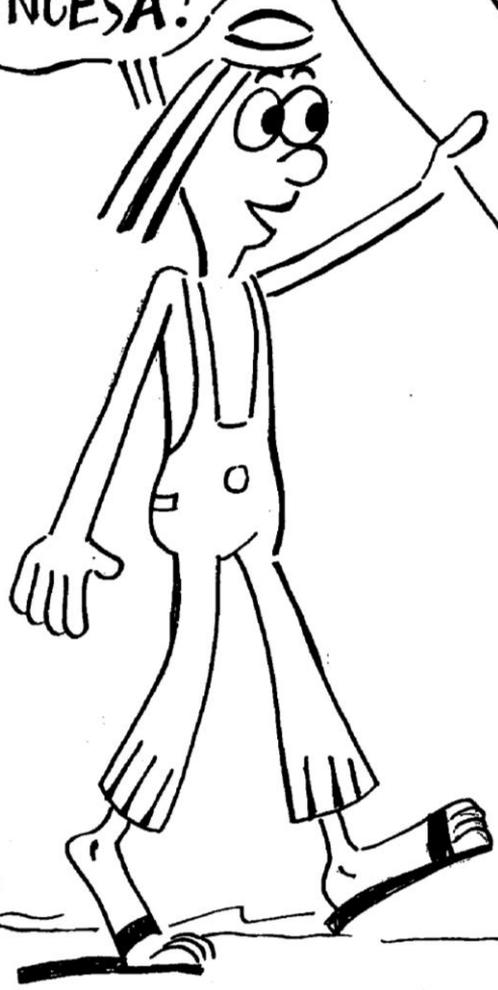
As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais. Os pedidos podem ser feitos para:

Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

Outras informações no MercadoLivre em “Almanques Raros”.



JA' PRA
A'GUA,
MINHA
PRINCESA!



1950/10/10

MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

27º ANGELO AGOSTINI E O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

A Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP) e o Instituto Cervantes de São Paulo, com o apoio do Coletivo Quarto Mundo, da Comix Book Shop e da Inarco Internacional, promovem a entrega do **27º Premio Angelo Agostini** aos melhores do quadrinho nacional do ano de 2010.

Angelo Agostini foi quem realizou a primeira história em quadrinhos, em sequência e com um personagem fixo, no Brasil, que começou a ser publicada em 30 de janeiro de 1869. O nome dessa HQ era 'As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de Uma Viagem à Corte', que duraria nove capítulos pelo traço de Agostini.

O evento foi criado em 1984, como O DIA DO QUADRINHO NACIONAL, para marcar a publicação do primeiro capítulo de 'Nhô Quim', homenagear os melhores artistas do ano anterior e destacar os mestres do quadrinho nacional.

Através da votação realizada entre profissionais da área, amadores, estudiosos e aficionados pelos quadrinhos nacionais, foram eleitos:

Melhor Desenhista: **Hélcio Rogério**
Melhor Roteirista: **Marcos Franco**
Melhor Cartunista: **Marcio Baraldi**
Melhor Lançamento: **"Bando de Dois"**
Melhor Lançamento Independente: **"Lucas da Vila de Sant'anna da Feira"**
Melhor Fanzine: **"QI"** (Edgard Guimarães)
Troféu Jayme Cortez: **José Salles** (Ed. Júpiter II)
Mestres do Quadrinho Nacional:

Dag Lemos
Eduardo Vetillo
E.C. Nickel
Elmano Silva
Novaes

O evento também é um momento de encontro entre grandes artistas, jovens talentos e fãs da arte desenhada e tem a programação a seguir:

- 13h** Abertura do espaço do Coletivo Quarto Mundo e da Comix Book Shop
- 13h30** Abertura da Exposição 'Angelo Agostini Invade o Instituto Cervantes'
- 14h** Palestra 'O Universo da Turma da Mônica Jovem' com Marcelo Cassaro e Petra Leão
- 15h** Entrega dos Prêmios Angelo Agostini aos melhores do quadrinho nacional do ano de 2010

Durante todo o evento:

Criação de uma HQ coletiva gigante (os presentes serão convidados a desenhar uma sequência de uma HQ, com tema escolhido no início dos trabalhos).

A festa será realizada:

Dia 5 de fevereiro de 2011, sábado,
a partir da 13h,
no Espaço Cultural Instituto Cervantes,
Avenida Paulista, 2439
(próximo à Rua da Consolação).
Maiores informações: (11) 3987-9609.

A entrada é franca e todos estão convidados!

Associação dos Quadrinhistas e Caricaturistas do Estado de São Paulo (AQC-ESP)
blog: www.aqcsp.blogspot.com

LIVROS & TESES

DICIONÁRIO UNIVERSAL DA BANDA DESENHADA

Edgar Indalecio Smaniotto

De autoria de Leonardo de Sá, o **Dicionário Universal da Banda Desenhada: pequeno léxico disléxico** (Editora Pedranocharco, 1ª. Ed., 2010), recentemente publicado em Portugal, ocupa um lugar interessante no que se refere a publicações teóricas sobre histórias em quadrinhos.

Leonardo de Sá é apresentado no prefácio como um investigador paciente, alguém que, como sua biografia na orelha do livro confirma, dedica uma vida a pesquisa sobre histórias em quadrinhos, e que agora traz ao público uma excelente obra de referência.

Literalmente de A a Z, o autor traz um manancial de informações sobre o mundo da banda desenhada, ou como preferimos aqui no Brasil, histórias em quadrinhos, no formato de dicionário, como o próprio nome já diz, e o universal entra aí por conta de sua abrangência.

Os verbetes tratam de basicamente tudo o que pode se relacionar às histórias em quadrinhos; vamos a uma breve descrição, mas que de forma alguma é completa.

1. Termos básicos para o entendimento desta arte: balão, vinheta, sequência narrativa, argumento etc.
2. Diferentes gêneros nos quais se pode escrever histórias em quadrinhos: ficção científica, underground, space opera, policial, super-heróis, entre outros.
3. Estilos nacionais: fumetti, tebeo, gibi, mangá, comics...
4. Termos próprios da área: graphic novel, novela gráfica, linha clara, daily strip...
5. Discussão de termos que têm a ver com o mundo da edição: formatos, tipos de papel, de impressão, a questão do “Direct Market”, entre outros.
6. Outros produtos culturais que, de alguma forma, estão ligados ao mundo dos quadrinhos: cromos, desenhos animados, fotonovela, caricatura, rádio etc.
7. Referências aos leitores e colecionadores: fanzine, fandom, faneditor, concursos...
8. Termos, digamos assim, de referência à realidade da Banda Desenhada de Portugal propriamente.

Há verbetes de todos os tipos, em que se podem conhecer as histórias em quadrinhos das mais diferentes formas, de seus gêneros aos seus formatos. Mas vale ressaltar que o dicionário tem um viés mais técnico, é um dicionário da banda desenhada em si, e não de seus personagens, autores e editores. O leitor não vai encontrar um verbete sobre a DC Comics, ou sobre o Homem-Aranha, ou sobre Alan Moore, ainda que sejam citados em outros verbetes.

Esta é uma obra recomendada para o pesquisador em histórias em quadrinhos, criadores, editores e até leitores, mas fazendo a ressalva para estes, de que não é um dicionário sobre personagens e eventos, mas sobre o suporte: histórias em quadrinhos.

Por estarmos falando de um dicionário, é sempre bom lembrar que existem verbetes de todos os tamanhos, alguns bem extensos, como *fandom*, *fanzine* ou *fotonovela*; outros, como *enigma figurado*, nem tanto.

Sendo um dicionário, é lógico ser uma leitura de consulta, portanto ler corrido, de uma única vez, pode ser um tanto cansativo, ainda que muito instrutivo. É uma obra para se deixar ao alcance das mãos, para rápidas consultas.

Aqui alguns poderiam dizer, mas e a internet, não serve para isso? Talvez!!! Mas a abrangência e o domínio que o autor tem das histórias em quadrinhos faz toda a diferença, quando se fala em ter uma fonte de informação séria e completa nas mãos, e isso não tem preço.

Para adquirir, a partir de março, o

Dicionário Universal da Banda Desenhada: pequeno léxico disléxico, no Brasil, acesse <http://bandadesenhabrasil.blogspot.com/>.

Edgar Indalecio Smaniotto

Filósofo, mestre e doutorando em Ciências Sociais.

Pesquisador de Histórias em Quadrinhos e cultura Nerd



“ADAPTAÇÕES” DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

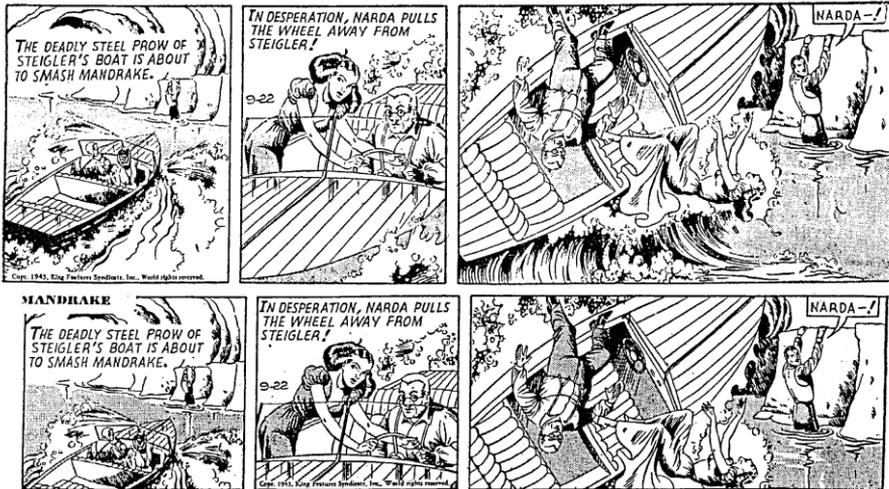
Edgard Guimarães

Luiz Antônio Sampaio me enviou uma boa quantidade de material interessante sobre os quadrinhos clássicos americanos e o tratamento que recebiam de suas agências distribuidoras. Usarei este material, juntamente com os comentários de Sampaio, no texto a seguir.

Muito se fala e se reclama das adulterações que as editoras brasileiras sempre fizeram com as histórias em quadrinhos importadas na hora de colocá-las em suas revistas. E com razão, fizeram realmente todo tipo de barbaridades, parecia até que os produtores originais faziam de propósito num formato “errado”, só para os editores nacionais terem que “consertar”. Na grande maioria das vezes, publicar sem adulterações seria muito mais fácil, mais barato, além de mais ético.

O que não se fala muito é que as agências norte-americanas distribuidoras dessas histórias em quadrinhos tinham o mesmo desrespeito com o próprio material que mandavam produzir. As tiras e pranchas produzidas pelos artistas contratados sofriam todo tipo de adulteração dentro da própria agência antes de serem enviadas aos compradores. Tudo usando como justificativa o fato de que os compradores (principalmente os jornais) deviam ter todo tipo de opção de tamanho e formato na hora de compor sua página ou suplemento de quadrinhos. É interessante observar como nos Estados Unidos o cliente possui um grande poder de pressão e como o vendedor faz de tudo para agradá-lo.

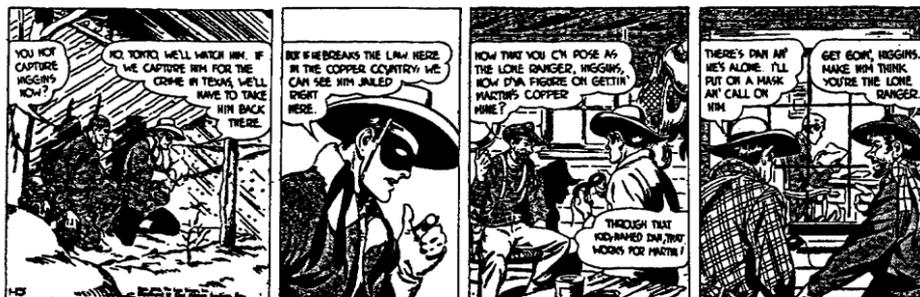
O primeiro exemplo mostrado a seguir é de uma tira diária de Mandrake. A tira de cima é a produzida pelo artista, a de baixo é uma das opções que eram oferecidas aos clientes. Caso o cliente quisesse a tira com uma altura menor (para colocar mais tiras numa mesma página), a agência fazia o “rebaixamento” da tira, ou seja, cortava um pedaço na parte de baixo.



Ao contrário do exemplo da tira de Mandrake, onde o pedaço cortado é significativo, em alguns casos, como na tira de Rip Kirby, apenas um pequeno pedaço era retirado da parte inferior. Aparentemente, o autor, Alex Raymond, já produzia a tira sabendo disso. Observem que ele coloca a assinatura um pouco acima do fundo da tira. É justamente esse pedaço abaixo da assinatura que podia ser cortado. O recente livro “Rip Kirby” da editora IDW trouxe a versão recortada das tiras.



Num outro exemplo, na tira de Lone Ranger, o pedaço cortado era na parte de cima e fica claro que o autor sabia e deixava o espaço de cima sem informação visual, inclusive com os balões afastados do alto, indicando onde seria o corte. Este procedimento acaba deixando a tira original menos agradável visualmente do que a versão adulterada.



Na tira de Flyin' Jenny, os cortes eram feitos nas laterais. Também nesse caso o autor produzia as tiras sem nada visualmente importante nas extremidades. Os traços pretos verticais mostram onde seriam os cortes.



Se para o leitor, que gostaria de apreciar o trabalho completo de seus autores preferidos, o corte de algumas partes das tiras já parece um absurdo, imagine cortar quadros inteiros. Com o passar do tempo, o espaço para as páginas dominicais nos suplementos de quadrinhos foi diminuindo. Praticamente deixaram de existir séries que ocupavam a página inteira, como o Príncipe Valente dos bons tempos, e mesmo metade da página do suplemento. As agências passaram a produzir páginas dominicais que pudessem ocupar apenas um terço da página do suplemento. Nesses casos, se o jornal queria uma página com a altura maior, era só tirar os quadros na lateral esquerda da prancha. Este recurso foi usado em várias séries importantes com o Flash Gordon, Mandrake, Johnny Hazard, Brick Bradford, entre outros. No exemplo abaixo, uma página de Flash Gordon, repare que os dois quadros da esquerda podem ser retirados sem afetar muito a história. O autor já produzia esses quadros sempre com a mesma largura e com quase nenhuma informação relevante.

Toda a “consideração” que as agências tinham com os clientes não se repetia em relação aos autores e leitores.



O CASO DO DETETIVE MEDÍOCRE

A matéria a seguir não diz respeito aos Quadrinhos, mas trata da confusão que se faz entre Autor e Personagem. Arthur Guitermann escreveu um poema acusando Conan Doyle, entre outras coisas, de desprezar os personagens de Edgar Allan Poe e Gaboriau, em quem Doyle se inspirou para criar Sherlock Holmes. Doyle dá sua resposta. Este material foi retirado do livro "Aventuras Inéditas de Sherlock Holmes" da L&PM, de 1987. A tradução dos poemas é de Adalgisa Campos da Silva.

A Sir Conan Doyle

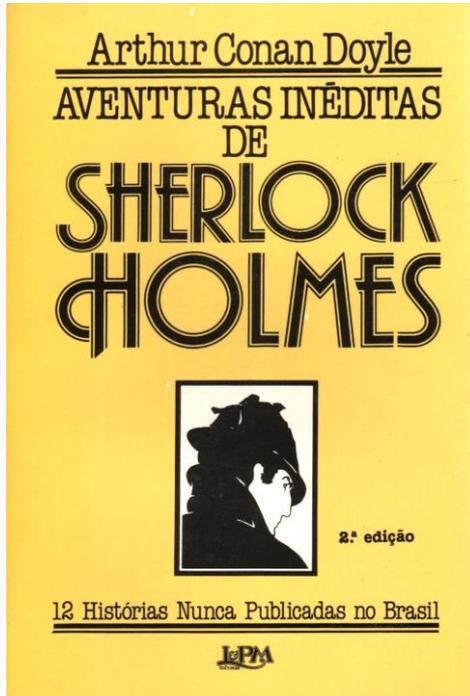
de Arthur Guitermann

Nobre Sir Conan, creio que poucos de nós
Foram cumulados de sorte como vós.
A instável fortuna tem sido vossa aliada,
Sempre generosa, suave e delicada.
Embora parecesse a mim ser vossa sina
Dedicar-vos à carreira da medicina,
Cansando-vos de pílulas e do mister,
Rumaste para o Ártico em busca de mistério.
Vagando e sonhando, a Ambição, grande loucura,
Tornou-vos muito inquieto para a arte da cura;
Isso, presumo, se Aventura é o que buscamos,
Fez de vós um escritor – nisso nos igualamos.
Ah, mas nós escritores bradamos protestos,
“De que modo lograstes tamanho sucesso?
Dizei-nos, dai-nos a conhecer de que jeito
Tirais do tinteiro tão esplêndida receita!”
E, vosso livro a favor do ataque britânico
À África do Sul (ou dos grupos econômicos),
Alegando não ser nossa agressividade
(Como pensa a maioria) uma atrocidade –
Ao sair do prelo vos rendeu uma cruz –
(Oh, que honra! A tanto jamais farei jus
Nem que viva até a idade de Matusalém!)
Da Ordem de São João de Jerusalém!
Palavra! Como escritor sabeis das manhas!
Mas desejo vos falar do que em vós me assanha:
Holmes é o vosso Herói, personagem literário;
Todos sabemos onde achaste material
Para lhe dar forma – isto é quase evidente;
Mas vosso agente em ingratidão indecente –
Sherlock vosso sabujo por razões incertas
Despreza o Dupin de Poe e o chama de “reles”!
Tacha o perspicaz Lecoq de Gaboriau, sim,
De mero desastrado e ridículo, sim!
Isso quando vossas tramas e vossos sistemas
A Poe e a Gaboriau não devem pouco apenas,
Enche de mágoa todas as musas do Hélicon.
Pedi emprestado, senhor, mas sede sério!
Porém deixai-nos reconhecer que sois alegre,
Pouca coisa escreveste que canse ou que pese,
Muito com desleixo, porém nada nocivo,
Muita com sobra de encanto e vigor no estilo.
Dai-me detetives de cérebro analítico
E não uns covardes de princípios mefíticos –
Histórias de batalha e de intrepidez
E não queixas de neurótica morbidez!
Dai-me aventura e ferozes dinotérios
E não de Hewlett os extáticos delírios!
Crede, Sir Conan, bem diverti-me convosco
E, no total, estou bem satisfeito convosco.

A um Crítico Insensato

de A. Conan Doyle

É certo que às vezes bradamos com acrimônia,
“Até onde se estende a estupidez humana?”
Cá está um crítico a afirmar como evidente
Ser eu culpado porque “em agradecimento”
Sherlock, o sabujo, por motivos incertos,
Despreza o Dupin de Poe e o chama de “reles”.
Caro crítico, ainda não tendes assente
Que criatura e criador são diferentes?
Como criador não me cansei de louvar
O Dupin de Poe, surpreendente e sagaz
Admitindo que em meu trabalho policial
A meu modelo devo muito de genial.
Mas não é que chega às raias da estupidez
Atribuir-me a soberba do ser que criei?
Ele, a criatura, riria com desdém,
Onde eu, o criador, me curvaria reverente.
Então, por favor, lembrai-vos dessa verdade:
A obra e seu autor são duas entidades.



MISTÉRIOS DO COLECIONISMO

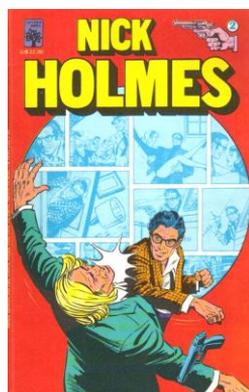
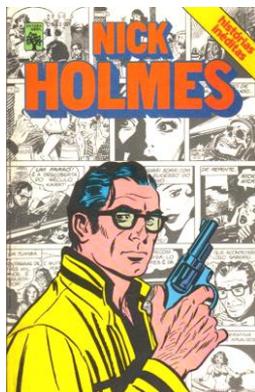
Edgard Guimarães.

Volta e meia os colecionadores, de gibis em particular, são assombrados pela notícia de que existe uma revista tal que saiu em circunstâncias tais e que só quem tem um exemplar é o Fulano de Tal. Maldição!

O colecionador comum, o pobre coitado que tenta formar suas coleções comprando suas revistas dia-a-dia nas bancas e livrarias, que sustenta com sua constância todas as editoras do porvir e do jávairde, não merece isso. Nesta seção serão tratadas estas revistas que podem ou não realmente existir.

Em janeiro de 1979, a Editora Abril colocou nas bancas um almanaque em formatinho, todo colorido, com 132 páginas, com aventuras de Flash Gordon. Logo em fevereiro foi a vez de uma edição nos mesmos moldes com as aventuras de Nick Holmes (Rip Kirby no original). Em abril, as duas revistas tiveram seu segundo número. A revista de Nick Holmes trouxe as aventuras do personagem feitas originalmente para tiras diárias, já na fase de John Prentice. Apesar da colorização e do formato diminuído das tiras, houve pouca adulteração e deu para aproveitar bem essas aventuras que são de muito boa qualidade, tanto nos desenhos como nos argumentos. O mesmo se pode dizer do material usado na revista de Flash Gordon, que utilizou no primeiro número e metade do segundo as aventuras em tiras feitas por Barry e Fujitani, uma fase muito boa do herói.

Essas revistas, eu as comprei nas bancas na época que saíram, na cidade de Itajubá, MG, cujas bancas recebiam todas as revistas das grandes editoras, sem falhas. Todas as revistas chegavam regularmente, em primeira mão, e nunca fiquei na mão em nenhuma coleção que fiz na época. Portanto, minha conclusão é que estas duas coleções só tiveram dois números. Infelizmente, pois, como disse, eram coleções muito interessantes.



Há pouco tempo, Fabio Santoro escreveu um longo artigo sobre Flash Gordon, incluindo uma relação tão completa quanto possível das revistas brasileiras em que o herói apareceu. Como de costume, Fabio enviou o texto para alguns conhecidos para ajudarem a checar as informações. Embora meu conhecimento sobre as revistas publicadas antes da década de 1960 seja praticamente nulo, sou uma das pessoas a quem o Fabio envia seus textos. Pelo menos em relação ao material mais recente, posso ajudar a confirmar os dados.

Acontece que, em seu texto, Fabio mencionou TRÊS números da revista “Flash Gordon” da Abril. E agora? Conferi na coleção e só tinha duas. Escrevi ao Fabio contestando a informação, ele garantiu que tinha saído o número 3. Pedi se ele podia me enviar cópia da capa, mas ele não tinha a revista. A informação tinha sido dada por outro colecionador, de confiança.

Este texto do Fabio Santoro (ou parte dele) foi publicado no recente álbum de Flash Gordon lançado por Franco de Rosa e está lá, no item 17 do texto de Fabio, a informação de que houve 3 números de “Flash Gordon” e de onde se conclui que o terceiro só saiu em 1980.

Desde que o Fabio me garantiu sobre a existência do terceiro número, tenho periodicamente consultado os sítios mais conhecidos de venda de revistas e tenho encontrado muitas ofertas de coleções COMPLETAS da revista “Flash Gordon” da Abril, todas com DOIS números. Todos esses colecionadores que estão vendendo suas coleções perderam o terceiro número? Por que ninguém tem o terceiro número? Ele existe? Se existe, por que ninguém tem?

Há casos de revistas que, por um motivo ou outro, são muito raras, e alguns desses casos serão tratados futuramente, mas no caso da Abril, não tenho notícia de fato semelhante.

Fica a pergunta: A Editora Abril lançou de fato o número 3 da revista “Flash Gordon”? E no caso afirmativo, por que não chegou às bancas regularmente e não existe hoje em oferta como os dois primeiros números?

FÓRUM

ALEXANDRE YUDENITSCH
C. P. 613 – São Paulo – SP – 01031-970

Novamente, não consegui escrever nada sobre o “QI” 105 antes de receber o 106 (que, por sinal, passou por uma ‘dieta’ e emagreceu 1 polegada = 2,5 cm no lado oposto à lombada; você passou a usar o papel A4? Vamos ver quantos notarão). Posso fazer de conta que foi por modéstia, já que uma carta minha ocupou 2% do zine, e quis deixar espaço para outros se manifestarem também, por isso não escrevi? Ainda mais que, olhando o 106, vi que ninguém comentou nada sobre o que ali foi tratado...

Tenho a impressão que você encontrou o ‘formato’ (não o físico) apropriado para o “QI”, nos tempos de hoje: Ele é bem diferente do que era há alguns (ou muitos) anos, mas a realidade está sempre mudando... Mas ainda penso que, se você tem os originais digitalizados, poderia oferecê-los como ‘downloads’ (em formato PDF, por exemplo), no mínimo para os assinantes da edição impressa, quiçá para todos os interessados (já que os custos de produção, teoricamente, já estarão cobertos com as assinaturas) – e, no futuro, se a circulação cair abaixo de um número que torne a continuidade impressa inviável, o terreno já estaria preparado para ‘migrar’ para a internet!

Só que a seção ‘Edições Independentes’, mesmo com as imagens reduzidas das capas, pouco deve adiantar hoje em dia, já que não tem qualquer descrição (sem nem falar em resenha) sobre o conteúdo dessas edições. Quem já conhece o zine e/ou o editor, poderá se interessar; para quem não, fica difícil interessar-se apenas baseado num título e uma imagem de 6 cm² da capa (ainda mais quando nem o preço e/ou eventual porte sejam conhecidos) – ou seja, a divulgação só funciona para os ‘iniciados’ (e parece que nenhum editor quis se valer do recurso de ‘comprar’ um espaço).

Gostei muito da ideia de uma série sobre a ‘Memória do Fanzine Brasileiro’, e do enfoque no José Magnago nesta edição, que foi merecido (creio que seja o decano dos fanzineiros, hoje); mas, sem pretender transformar a série num tamanho inviável, penso se não daria para dedicar um espaço um pouco maior (tipo o dobro?) para a mesma, dedicando mais 1 página para o editor, e mais 1 para a bibliografia (fanzinografia?).

A diminuição no tamanho do “QI” 106 (para o formato A4) foi por falha na gráfica, o que muito me aborreceu. Eu poderia ter recusado naquele formato e mandado imprimir de novo no formato certo, mas... não é porque eu não dedico a minha vida a salvar pandas vagabundos que eu vou compactuar com o desperdício.

A função de divulgação dos fanzines na seção ‘Edições Independentes’ não tem mais a importância que tinha, mas a função de registro continua a mesma. Quando um futuro pesquisador precisar de informações, mesmo que básicas, sobre as publicações lançadas ao longo dos últimos 20 anos terá pelo menos uma fonte de consulta.

O espaço de duas páginas para a homenagem aos editores independentes na seção ‘Memória do Fanzine Brasileiro’ está no tamanho certo, pois eu não tenho material a mais para colocar. Veja, no caso do José Magnago, eu coloquei redução de capa de praticamente todos os títulos que ele lançou. Na parte biográfica, eu não tinha mais informação do que aquela colocada. E essas são informações enviadas pelos próprios editores. De muitos dos editores de quem possuo depoimentos, a quantidade de informação é ainda menor, terei que preencher as duas páginas reservadas para a seção com uma quantidade maior de imagens, capas de fanzines, reprodução do conteúdo etc.

ELMANO SILVA

R. Prof. Schutzler, 466 – Joinville – SC – 89219-010

Sobre o “QI” 106, achei espetacular a capa reproduzindo o mural que fizeram com o seu personagem ‘Pitangueiros’. Os autores Alelin Mor (o outro não consegui ler o nome) são artistas daí? É essa atenção e carinho dos fãs que considero o melhor retorno em nossa profissão.

Este muro pintado fez parte de uma iniciativa da Academia Brazopolense de Letras e História de espalhar pelos muros da cidade as obras dos poetas locais. Como não faço verso, fiz o inverso.

A capa deste “QI” mostra o estado atual do muro.

ANTÔNIO ARMANDO AMARO

R. Haia, 185 – São Paulo – SP – 03734-130

A surpresa foi o tamanho desse número, ficou mais magro. É um novo formato ou foi erro da gráfica?

Dizem que santo da casa não faz milagre, mas isso não é válido para um tal Edgard, pois os seus conterrâneos lhe fizeram uma bela homenagem com os personagens ‘Pitangueiros’. É o reconhecimento pelo seu trabalho. Além da capa, gostei também das 2 páginas com o Benjamin Peppe, as informações do Dia do Quadrinho Nacional e, como sempre, o ‘Fórum’, com a opinião dos leitores.

Para finalizar as minhas peripécias por terras lusas, quero te informar que lá – como cá – quadrinhos de qualidade não mais existem. Nas principais cidades portuguesas, nas bancas só têm alguns super-heróis, Tex, a turma do Maurício de Sousa, algumas reedições de Asterix e alguns álbuns. De qualidade, só consegui 4 álbuns, por sinal fantásticos, com temas portugueses. São “História de Penamacor – A Herança dos Tempos”, “História da Guarda – Oitocentos Anos de Cidade”, “História de Celorico da Beira” e “Pedro Álvares Cabral e o Brasil”. São 4 álbuns maravilhosos, de luxo, em cores, capa dura, com belos desenhos de José Pires, José Garcês e Carlos Baptista Mendes.

Suas primeiras observações eu comentei nas respostas ao Alexandre e ao Elmano.

Estes álbuns que você conseguiu em Portugal são realmente muito bonitos. Esta coleção já tem cerca de 20 álbuns. A Editora Âncora tem investido nesse segmento de mercado, que, ao contrário do que se diz por aí, acho que é rentável. É claro que esses álbuns não vendem como um álbum de Asterix ou Lucky Luke. Mas acho que vendem o suficiente para dar lucro e capitalizar uma editora séria. A maior editora de quadrinhos, hoje, em Portugal, a Editora Asa, começou justamente explorando esse filão de quadrinhos históricos, de álbuns paradigmáticos. Talvez Portugal já tivesse na época o que tem hoje no Brasil: a inclusão de álbuns de conteúdo supostamente educativo na lista de compra de livros que o governo federal faz. Só que lá, aparentemente, as editoras produziram trabalhos especialmente para esse fim. Aqui, o que se vê é essa briga de foice entre as editoras à procura de adaptações literárias, principalmente clássicos de autores internacionais, para faturar algum em cima do governo. Adaptações, diga-se de passagem, de qualidade bastante duvidosa. Nunca vi tanto Frankenstein vagabundo na vida.

GASPAR ELI SEVERINO

R. João Voss Jr., 66 – Brusque – SC – 88350-685

A capa do “QI” 106 está coerente com os quadrinhos nacionais. A matéria do Leonardo Santana continua nota 10. Desta vez fico com o Ken Parker, magnífico como sempre, e também com o Lobo Solitário, a saga de Ito Ogami e seu filho. Os demais gibis enriquecem a possibilidade de acesso a mais leitores. Os lançamentos de Sérgio Luiz Franque, com Tarzan e Durango Kid, trazem de volta a época áurea da gibizada. Logo enviarei a cédula de voto para o Angelo Agostini.

ANTÔNIO LUIZ LOPES

R. Francisco Antunes, 436 – Guarulhos – SP – 07040-010

Logo na página 3 tem os dez melhores quadrinhos, indicados por Leonardo Santana, onde você tem presença honrosa, como bem disse Márcio Baraldi, ele também um cara importante na cena alternativa. Gostei da capa e da ideia. Aqui em Guarulhos tem muita pichação e seria bom se alguém repetisse aqui essa ideia. Mas eu queria a sua opinião e a opinião de todos no ‘Fórum’ sobre a importância dos quadrinhos na cultura brasileira. Além da exposição ‘Zeróis: Ziraldo na Tela Grande’ no Rio de Janeiro, eu concordo com o texto sobre a eleição do cartunista Maurício de Sousa para a Academia Paulista de Letras (APL). O texto dizia: “Os quadrinhos estão mesmo ganhando status de literatura”. O que vocês acham disso? Já não era? Gostei também de saber que o seriado de TV “The Walking Dead” é uma HQ, escrita por Robert Kirkman e lançada em 2003 pela Image Comics (a mesma de Spawn) e publicada no Brasil pela HQManiacs. Mas o diálogo entre cinema e quadrinhos já não é novidade. Hoje em dia se vê mais o cinema “inspirando-se” nas HQs do que o contrário, como antigamente.

Em 1846, quando as histórias em quadrinhos de Rodolphe Topffer foram reunidas no livro “Histórias em Estampes” e obtiveram grande sucesso, foram elogiadas por Goethe, por sua originalidade. Com isso, o status de literatura já foi vinculado às histórias em quadrinhos bem no início de sua fase moderna. Acontece que os quadrinhos de baixa qualidade ou infantis sempre predominaram e por isso a idéia geral que fica é que são um produto inferior. O interessante é que o fato de haver também uma infinidade de obras literárias imprestáveis não contamina a Literatura como um todo. A Literatura mantém seu status de forma elevada de Arte mesmo sendo composta de uma grande maioria de obras de péssima qualidade. Mas talvez um dos maiores problemas para a aceitação das Histórias em Quadrinhos seja o fato de seu público ser, em grande parte, composto de crianças. A Literatura Infantil sofre o mesmo problema. Quantos membros da Academia Brasileira de Letras são autores de obras para crianças?

O que não se pode aceitar, retomando a polêmica aqui iniciada pelo Gazy Andraus há alguns números, é que a imprensa, supostamente formada por pessoas esclarecidas, continue tratando a História em Quadrinhos de forma leviana.

VICTOR MAIA

R. Nicarágua, 108/201A – Sion – Belo Horizonte – MG – 30320-050

Parabéns por ter chegado ao nº 106 e por ter tido coragem para a mudança editorial. E por continuar mudando aquilo que pode ajudar a nós, os leitores. De minha parte, 2010 foi um ano em suspenso, algo me dizia que eu só poderia me manifestar depois de publicar meu zine. Ei-lo pronto. Está feito o fanzine “A.T.U.M.” nº 4.

Como pauta para o ‘Fórum’, divulgo um pequeno trabalho que fiz em outubro para entender por que os preços das HQs editadas são tão caros. Está no www.imarock.blogspot.com. Como dica básica, sugiro dividir sempre o preço pelo número de páginas. Se estiver abaixo de R\$ 0,10, está bem barato (preço de zine), entre R\$ 0,10 e R\$ 0,25 é um preço de barato a razoável. Acima de R\$ 0,25 está caro! É claro que tem que considerar um monte de coisas: impressão colorida, tipo de capa, editora etc... As demais coisas estão lá no blog.

JOSÉ MAGNAGO

R. Jerônimo Ribeiro, 117 – Cach. de Itapemirim – ES – 29304-637

Neste nº 106, saiu a matéria comigo. Só tenho a lhe agradecer. Você é um dos que sempre colaboraram comigo, desde o início. Graças a você é que ainda continuei com o “Castelo de Recordações”, pois no início estava desanimando e você imprimia, grameava, envelopava, endereçava, colocava nos Correios. Um trabalho danado. E sempre em todo nº do “QI” publicava e vem publicando as capinhas de meus fanzines, divulgando-os gratuitamente. Obrigado por tudo.

ALEX SAMPAIO

P. São Braz, Cj.02, Bl.D, ap.03 – Salvador – BA – 40230-323

Em mãos o “QI” 106, é sempre louvável vermos uma publicação sobreviver por tantos anos e com vigor.

2010 se foi e posso afirmar, numa avaliação geral, que foi um bom ano para as HQs, melhor do que 2009. Isso tanto na visão dos editores como dos autores. A Editora Abril, por exemplo, que andou meio perdida em 2009, teve um excelente desempenho em 2010 e as edições especiais foram muito bem recebidas pelo público. Exemplo desse desempenho está na coleção “Clássicos da Literatura Disney”, que vendeu mais de 250 mil exemplares e foi expandida de 20 para 40 volumes. Vale destacar a retomada do selo Vertigo pela Panini, a entrada da Leya, Planeta, Objetiva, 8Inverso e outras mais no mercado. Creio que 2010 foi melhor tanto em lançamentos quanto em produtividade, em especial para editoras como Devir, Zarabatana, Gal, HQM, Kallaco etc. Uma surpresa entre as editoras foi o selo Barba Negra com seus pocket books baratos, com design inovador e ótima seleção de artistas. O certo mesmo é aliar bom conteúdo com preço acessível, como estão fazendo editoras como a citada Barba Negra, a Devir e a Quadrinhos na Cia.

Outra coisa boa em 2010 foi a volta dos quadrinhos de western. Começou com Arthur Filho, um editor independente que ousou lançar “Billy the Kid”, feita por autores nacionais. Em seguida veio “Apache” e depois “Chet”, edição comemorativa de 30 anos, lançada pela Ink Blood Comics.

Na verdade, o mercado de quadrinhos se fortaleceu por causa da competitividade, a sensível melhora da qualidade editorial das revistas e o interesse renovado do público. O brasileiro está consumindo mais e colecionando mais. Os preços também voltaram a uma realidade nacional. Existem mais quadrinhos, mais variedades, formatos mais inteligentes e nos distanciamos mais do tempo no qual quadrinhos era sinônimo só de gibis de super-heróis e patos. E os quadrinhos agora também são digitais, com um público mais inteligente e abrangente.

Outro fator fundamental em 2010 foi a ampliação do espaço para HQs nas livrarias, que hoje estão entre as seções mais visitadas. O público percebeu que existem quadrinhos de todos os tipos e gêneros, capazes de agradar aos gostos mais variados e com ótimas histórias. Percebe-se uma abertura maior para autores e desenhistas novos nesse momento. As editoras têm investido mais em edições alternativas. Para este ano, seria interessante que houvesse uma maior integração entre produtores, editoras e administração pública para que se criassem novas ferramentas para a formação de um público leitor maior. Seria preciso uma política cultural mais séria para o Brasil. Com isso, a longo prazo, se a economia se mantiver estável, um mercado de quadrinhos pode surgir no Brasil com mais força, como já existe no mercado literário. Na verdade, os incentivos culturais dados pelos governos regionais ainda são muito pequenos ou não existem em determinadas regiões.

CÁSSIO DE AQUINO

C. P. 250 – São Paulo – SP – 01031-970

Com relação à Feira de Fanzines, o espaço autônomo AY CARMELA! é um prédio de três andares com um coletivo bastante organizado. No dia 4/12, eu organizei uma bancada com muitos fanzines e livros, sendo uma parte dos zines gratuitos, que ficaram à disposição do coletivo. Eu montei um telão para exibir filmes e documentários, sendo uma animação em quadrinhos e um documentário de ficção científica. Compareceram alguns zineiros como Renato (“Aviso Final”), Thina (“Spell Works”), Daniel Esteves, entre outras pessoas. Para mim, o evento foi fraco, pois não compareceram muitas pessoas, mas já conversei com o coletivo para organizarmos um SIMPÓSIO EDITORIAL ALTERNATIVO, com feira de fanzines e muito mais no que tange a publicações alternativas. Pelo que me disseram, 29/4 é o dia mundial do fanzine. Preparei o simpósio próximo a essa data. Estou distribuindo aqui no Brasil uma editora estadunidense chamada MICROCOSM PUBLISHING. Eles são bastante alternativos e é bem interessante o catálogo deles. Quem tiver algum interesse em adquirir algum zine, livro etc, fale comigo, pois tenho já disponíveis alguns títulos dessa editora.

ANTÔNIO PEREIRA MELLO

R. Oscar Henrique Zappe, 212 – Santa Maria – RS – 97045-350

A semana passada, eu e colegas do Núcleo de Quadrinhistas de Santa Maria – Quadrinhos S/A fomos a duas escolas onde foram ministradas Oficinas de HQ. E falamos do “QI” também. A minha mulher e minha enteada já haviam feito isso em outra escola.

Antônio enviou mais algumas tiras do Tapejara, um personagem impagável de Louzada.



FRANCINILDO SENA

R. Des. Hemetério Fernandes, 231 – Pau dos Ferros – RN – 59900-000

Estive ausente do meio fanzinstico por mais de dois anos, mas continuei editando quadrinhos de forma virtual. A internet nos permite atingir um número maior de leitores, mas não nos dá o mesmo prazer das edições impressas. Nos últimos meses venho recebendo várias cartas e e-mails pedindo para retornar com os fanzines impressos. Depois de mais de dois anos, cheguei a conclusão de que já era hora de dar continuidade ao “Heróis Brazucas” e ao “Crânio”. Seguem então as edições que dão continuidade aos fanzines. Não sei se o amigo ainda edita o “QI” ou se ainda divulga edições independentes, mas se ainda divulgar, ficarei grato se divulgar essas.

EDGAR FRANCO

R. R. 19, quadra 18, lote 12 – Goiânia – GO – 74690-440

Parabéns pelo novo livro lançado pela Marca de Fantasia, uma compilação incrível de seus artigos semanais que vai ajudar muito os pesquisadores de HQs.

Depois de uma apresentação bem sucedida no 9º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, que aconteceu no Museu Nacional em Brasília, o Posthuman Tantra se apresentou em dois outros eventos. Esse meu projeto musical pega o meu universo ficcional dos quadrinhos da “Aurora Pós-humana” – do álbum “BioCyberDrama” e da revista “Artlectos & Pós-humanos” – e o leva para o palco na forma de uma performance multimídia. A verve de meus quadrinhos poéticos está muito presente, como muitos que viram atestaram. O 16º Goiânia Noise Festival é um dos festivais independentes mais importantes do país, neste ano contou com atrações do calibre de John Ulhoa (Pato Fu), Musica Diabla (banda de Derrick Green do Sepultura), Otto, Cólera, Krisiun, The Mummies, Macaco Bong & Gilberto Gil. A apresentação do Posthuman Tantra contou com a participação de dois performers convidados, Thaís Oliveira e Flávio Takeshi, que criaram uma performance exclusiva para o evento. Depois, o Posthuman Tantra seguiu para o nordeste, onde se apresentou no evento “10 Dimensões da Arte e Tecnologia”, organizado pela UFRN, UFPB e IFRN, com patrocínio da CAPES e MINC – programa Pró-Cultura. A performance aconteceu na Universidade Federal da Paraíba em João Pessoa.

PAULO JOUBERT ALVES

R. João Luiz dos Santos, 28-E – Santa Luzia – MG – 33140-250

Do “QI” 106, me chamou a atenção uma carta comentando a diminuição do número de edições independentes. Vou dar meu testemunho pessoal. Achei que o assunto que eu tratava no início do “Cine HQ” (filmes baseados em histórias em quadrinhos) era um tema pouco explorado. À medida que foram aparecendo outros trabalhos lidando com o tema com mais competência que eu, achei que era hora de parar. Paralelamente a isso, há vários outros pontos. A falta de recursos, pois o preço de capa nunca paga completamente o zine e quando o faz, “espanta” o público leitor, que não é grande. Muitos de nós não vive apenas de edições independentes (só conheço o Lacarmélio Alféo Araújo, criador do Celton, que vive apenas dos rendimentos da comercialização de sua revista), ou seja, não temos dedicação em tempo integral, dividimos o tempo com o ofício que nos sustenta materialmente e com o que nos alimenta a alma. Isso sem contar com possíveis mudanças na vida (mudança de endereço, saída de emprego, casório, chegada da cegonha etc), causas estas responsáveis pela desistência de boa parte da turma citada pelo leitor. Quanto à internet, ela é de fato uma grande ferramenta para os zineiros, com baixo custo, mais agilidade e uma gama de recursos que podem melhorar a qualidade da publicação. Mas acaba afastando quem é apegado à publicação material e pouco afeito à informática. Não sei se já comentei, embora eu tenha interrompido a publicação do “Cine HQ”, o Silvio Moriya fundou uma comunidade como o mesmo nome no site de relacionamentos Orkut, sendo acessando pelo meu perfil pelo pjcinahq@gmail.com. Ele e Lexy Soares postaram resenhas sobre alguns filmes baseados em personagens de quadrinhos. Achei incrível que, para um fanzine xerocado, de repente ter uma postagem com imagens do filme comentado (trailer) é muito mais ilustrativo do que uma foto captando um momento estático. Por enquanto o acesso está restrito a amigos adicionados, mas se houver interesse, posso reverter esta condição.

MÁRCIO SNO

R. Brasília R. Gottsfriz, 78 – São Paulo – SP – 04809-090

Segue o 1º capítulo do nosso Doc! Se possível, me dê um retorno do que achou. Espero que goste. Gostaria de gravar um depoimento seu pros próximos capítulos.

Márcio, juntamente com Patrícia Amitrano e Calvin Konno, produziram um primeiro DVD com cerca de 30 minutos de depoimentos de 16 fanzineiros, entre eles José Nogueira, Gazy Andraus e Renato Rosatti. O título do projeto é “Fanzineiros do Século Passado” e era para ser um documentário único. Como a quantidade de material seria muito grande, a equipe decidiu lançar os depoimentos em capítulos, sendo que o primeiro já está disponível. E este 1º capítulo está excelente. Uma montagem ágil das falas dos fanzineiros, agrupadas mais ou menos por assunto, dissecando todos os aspectos da fanzinagem. Agora é torcer para que o projeto vingue e os próximos capítulos não demorem.



1º ENCONTRO INTERNACIONAL DE JORNALISMO EM QUADRINHOS

Antônio Pereira Mello enviou matéria de Homero Pivotto Jr. publicada no jornal “Diário de Santa Maria”, sobre o 1º Encontro Internacional de Jornalismo em Quadrinhos, organizado pelo Instituto Goethe de Porto Alegre em parceria com a Feira do Livro. O evento contou com quatro convidados nacionais e dois da Alemanha. Foram programadas várias atividades: um debate centrado na origem e nos rumos desse novo gênero jornalístico; uma mostra internacional de reportagens em gibis; a exposição “Comics, Mangás & Co. – A Nova Cultura de Quadrinhos Alemães”. O curador do encontro e da exposição foi o jornalista Augusto Paim.

Os participantes do encontro foram Aristides Dutra, Mestre em Jornalismo em Quadrinhos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Felipe Muanis, jornalista, ilustrador e professor da Universidade Federal Fluminense, Gilmar Rodrigues, jornalista, autor do livro-reportagem “Loucas de Amor em Quadrinhos”, sobre mulheres que se apaixonam por serial killers, e Spacca, desenhista e escritor de quadrinhos históricos. Do outro lado do mundo, Atak (Professor Georg Barber), autor de quadrinhos de vanguarda, e Jens Harder, que trabalha com reportagens em quadrinhos.



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Marcelo Dolabella enviou cartilha ilustrada do Sebrae MG; boletim “Ikatu” do Núcleo UFMG; cartilha “Nas Ruas de BH” n° 6 da Prefeitura de Belo Horizonte; tira “Chic & Choc” feita para a Cemig. **Paulo Joubert** enviou cartilha ilustrada “PedalaBH” da Prefeitura de Belo Horizonte; recorte de jornal com instruções ilustradas ensinando o Basquete. **Cesar Silva** enviou cartilha em quadrinhos “Qualidade Pirelli” feita para a Pirelli; “Manual do Frentista” com HQs feito para a Rede Supernova; “Revista da Laurinha” n° 17, feita para anunciar lojas de brinquedos; revista em quadrinhos “Sr. Eco” feito para a Prefeitura de São Bernardo do Campo; cartilha com HQs feito pelo Instituto Henfil; cartilhas em quadrinhos com a Turma do Sítio do Picapau Amarelo, feitas para o Programa Fome Zero; cartilha ilustrada “A Criança no Trânsito” feita para o Detran SP; revista em quadrinhos “Turma da Sondinha” n°s 4 a 8, feita para o Supermercado Sonda. **Alex Sampaio** enviou revista da Turma da Mônica feita para a empresa Vedacit.

BREVE LANÇAMENTO

A Editora Marca de Fantasia lançará em breve, possivelmente em fevereiro, mais um álbum em quadrinhos com trabalho de minha autoria. Trata-se da compilação das HQs de “Mundo Feliz” publicadas nos números 50, 51, 53 a 65 do “QI” entre mai/jun/2001 e nov/dez de 2003. Este trabalho já estava programado para sair como álbum pelo selo EGO, mas como Henrique Magalhães demonstrou interesse em publicá-lo, sairá pela editora Marca de Fantasia, cujo trabalho de edição está acima da mais alta expectativa.

Como a capa da edição da Marca de Fantasia ainda não está disponível, coloco abaixo a ilustração que possivelmente será usada na capa. Mais notícias assim que a edição estiver pronta.



Memória do Fanzine Brasileiro

Depoimento do Editor

ROBERTO GUEDES

Roberto Carlos Guedes nasceu em 18 de dezembro de 1965 em São Paulo, SP. Trabalhou durante 10 anos como vendedor de produtos impermeabilizantes na área da construção civil.

Fui proprietário de uma banca de revistas, especializada em quadrinhos, em Santo André, por quatro anos, a Banca Fire Comics. Cheguei a trabalhar, como free-lancer, para algumas editoras de pequeno porte, entre 1988 e 1989, como a GD Editora, Editora Ninja e Editora Phenix. Vendi algumas histórias de humor publicadas na revista “Udigrudi”. Trabalhei profissionalmente para um estúdio de criação e fiz um roteiro para uma sitcom, proposta à Rede Record. Fiz também um roteiro completo de 68 páginas para uma graphic novel do Vigilante Rodoviário, com arte de Aluízio de Souza, Marcos Farrel e André Valle.

O primeiro fanzine que editei chamou-se “Status Quo Comics”, que durou 10 números, entre 1989 e 1992. A tiragem inicial do número 1 foi de 30 exemplares. No entanto, quando lancei o número 2, comemorando os 30 anos do Homem-Aranha, tive que imprimir mais uma centena de exemplares do primeiro. Todas as edições vendiam nessa faixa. O fanzine apresentava matérias sobre os personagens Marvel, DC, Warren e até nacionais, bem como HQs de minha autoria. Quase todas as edições foram divulgadas nas páginas da “Folha de S. Paulo” em matérias do Franco de Rosa. As vendas eram feitas de mão-em-mão, em gibiterias como a Muito Prazer e pelo correio. Desde o começo, desenvolvi um intercâmbio com os possíveis interessados, pegando nomes nas seções de cartas das revistas da Abril, criando boletins informativos e catálogos de minhas publicações.



Foto de Roberto Guedes na Banca Fire Comics em 1997

Com a boa aceitação do primeiro fanzine, decidi investir nas chamadas revistas independentes, que, na realidade, são fanzines com histórias próprias. O primeiro lançamento foi “Meteoro” em fevereiro de 1992. Personagem de minha autoria, feito propositalmente no clima das histórias Marvel, tornou-se minha marca registrada. Sempre procurei adaptar o tema do super-herói à realidade brasileira, mas sem perder o clima épico da luta do bem contra o mal. A revista durou 7 números até meados de 1994. A revista tinha cerca de 28 páginas no formato meio ofício e tiragem de cerca de 100 exemplares.

Na esteira, vieram “Força Máxima” e “Os Protetores”. A primeira lançada em agosto de 1992 com 5 números inicialmente e a segunda lançada em outubro de 1992 com 2 números. Em dezembro de 1992, saiu a minissérie “A Guerra dos Heróis”, apresentando heróis Marvel, DC, Hanna Barbera e outros mais. Prevista para 3 números, teve apenas os dois primeiros publicados. Nessa fase ainda saiu um número de “Clássicos Piratas” em julho de 1993. Infelizmente, por eu trabalhar em outra área, não tendo tempo suficiente para escrever e desenhar as histórias e ser o único a bancar as publicações, acabei cancelando todos os fanzines em meados de 1994.

Em 1995, tive forte convicção de montar uma pequena editora, a Fire Comics, com distribuição regional, contando com a ajuda de Reginaldo Borges e mais duas pessoas. A estratégia foi editar um fanzine de informação, feito em duplicador digital e com o dinheiro arrecadado editar revistas em quadrinhos em off-set e capa colorida. O fanzine chamou-se “Status Comics” e durou 4 números de abril a setembro de 1995. A primeira revista, com capa colorida e em off-set, foi “Os Protetores”, lançada em setembro de 1995, com tiragem de mil exemplares, durante 2 números. Foi um processo cansativo distribuir essas revistas. Eu mesmo percorri dezenas de bancas e livrarias. Este procedimento se mostrou muito penoso e decidimos cancelar tudo. Sabei ainda em julho de 1995 a compilação “O Melhor da Status Comics”.

Em junho de 1996, voltei a editar, sozinho, o “Força Máxima”, continuando a numeração anterior a partir do nº 6 até o nº 9 em dezembro. Com tiragens menores e impressão em xerox, lancei, em julho, “Tira Quente”, que durou 2 números, “Coleção Nostalgia”, que durou 5 números, “Clássicos Piratas”, que durou 2 números, e um número de “Meteoro Especial”, republicação de Meteoro nº 7. Nesse período, fiz novas tiragens de todos os fanzines da primeira fase.

Em 1997, comprei uma banca no Grande ABC e a transformei em banca especializada em quadrinhos, a Banca Fire Comics. Conheci Marcelo Borba, com quem fiz uma grande amizade que gerou muitos fanzines e revistas independentes. Como não tínhamos grandes ambições, fazíamos tiragens entre 30 e 70 exemplares, mas com uma produção caprichada, normalmente com a capa em xerox colorida. Foram lançados 1 número de “Meteoro” em fevereiro, 1 número de “Arquivo da Vampirella”, 1 número de “King Komix” em setembro, 1 número de “Slady” em setembro, 1 número de “Obras Primas HQ” em outubro, 2 números de “Pow!” em fevereiro e abril de 1998, e 1 número de “Guepardo” em julho de 1998. Este último lançamento foi feito com impressão laser e formato meio ofício, mas devido a uma fraca distribuição, não emplacou. Com o tempo, Borba desistiu de fazer quadrinhos.

Em 2001 vendi a banca e voltei a trabalhar com roteiros para um estúdio de criação. Mas ainda editei várias publicações informativas: “Quartel General” 1 em abril de 1999, nova versão de “Quartel General” com o nº 0 lançado em março de 2000 e mais dois números em agosto e novembro. Em meados de 2001 lancei “Gibilândia” com mais dois números até abril de 2002.

Durante todo esse período lancei vários catálogos como “Boletim do Meteoro” (5 n’s), “Super Catálogo Fire Comics” (4 n’s), “Boletim da Ganguê” (2 n’s) e “Colecionauta” (2 n’s).

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Relação das publicações de Roberto Guedes.

Os formatos variaram bastante, está indicado o formato que predominou em cada título.

- “Status Quo Comics” (of.2): 1 (mai/1989) a 10 (mai/1992)
- “Meteoro” (1/2 of.2): 1 (fev/1992) a 7 (mar/1994)
- “Boletim do Meteoro”: 1 (mai/1992) a 5 (mar/1993)
- “Força Máxima” (1/2 of.2): 1 (ago/1992) a 9 (dez/1996)



Nºs 1 de “Status Quo Comics”, “Meteoro” e “Força Máxima”

- “Os Protetores” (1/2 of.2): 1 (out/1992), 2 (mai/1994)
- “A Guerra dos Heróis” (1/2 of.2): 1 (dez/1992), 2 (jul/1993)
- “Clássicos Piratas” (1/2 of.2): 1 (jul/1993)



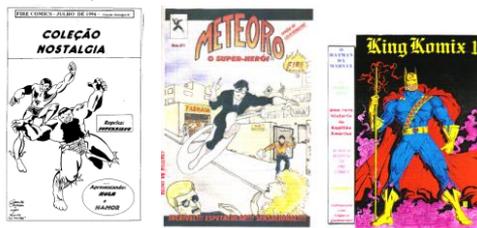
Nºs 1 de “Os Protetores”, “A Guerra dos Heróis” e “Clássicos Piratas”

- “Status Comics” (1/2 of.2): 1 (abr/1995) a 4 (set/1995)
- “Super Catálogo Fire Comics”: 0 (1995) a 3 (jan/1997)
- “O Melhor da Status Comics” (1/2 of.2): 1 (jul/1995)
- “Os Protetores” (1/2 of.2): 1 (set/1995), 2 (jul/1996)
- “Tira Quente” (A5): 1 (jul/1996), 2 (out/1996)



Nºs 1 de “Status Comics”, “Os Protetores” e “Tira Quente”

- “Coleção Nostalgia” (1/2 of.2): 1 (jul/1996) a 5 (mar/1997)
- “Clássicos Piratas” (A4): 1 (jul/1996), 2 (nov/1996)
- “Meteoro Especial” (of.2): 1 (ago/1996)
- “Meteoro” (A5): 1 (fev/1997)
- “Arquivos da Vampirella” (A5): 1 (1997)
- “King Komix” (A4): 1 (set/1997)
- “Slady” (A4): 1 (set/1997)
- “Obras Primas HQ” (A4): 1 (out/1997)
- “Pow!” (A4): 1 (fev/1998), 2 (abr/1998)
- “Boletim da Gangue”: 1 e 2 (1998)



Nºs 1 de “Coleção Nostalgia”, “Meteoro” e “King Komix”



Nºs 1 de “Slady”, “Obras Primas HQ” e “Pow!”

- “Guepardo” (1/2 of.2): 1 (jul/1998)
- “O Colecionauta” (A5): 1 (jul/1998), 2 (abr/1999)
- “Quartel General” (1/2 of.2): 1 (abr/1999)
- “Quartel General” (A4): 0 (mar/2000) a 2 (nov/2000)
- “Gibilândia” (1/2 of.2): 1 (jun/2001) a 3 (abr/2002)



Nºs 1 de “Guepardo”, “Quartel General” e “Gibilândia”

A partir do início dos anos 2000, Roberto Guedes se tornou um dos editores da Opera Graphica. Se por um lado interrompeu a produção de fanzines, por outro, publicou pela própria Opera Graphica dois livros de referência muito bem produzidos: “Quando Surgem os Super-Heróis” em 2004 e “A Saga dos Super-Heróis Brasileiros” em 2005.

Em 2007 publicou pela editora de José Salles o nº 1 da revista “Meteoro Comics”, cujo nº 2 saiu em 2010. Ainda em 2010, Roberto Guedes decidiu voltar à edição independente lançando em abril o nº 1 de “Almanaque Meteoro”, cujo segundo número saiu em julho.



Livros “Quando Surgem os Super-Heróis”, “A Saga dos Super-Heróis Brasileiros” e “Almanaque Meteoro” nº 1

EDIÇÕES INDEPENDENTES



FORÇA ZINE # 8

Essa edição traz dicas de desenho, dicas de roteiros, cartas dos leitores e divulgação de fanzines !!

Abdon Soussy
R. Antonio Ribeiro da Silva, 145
Marília - SP Cep 17527561



OS LENDÁRIOS 1 AOS

OS MAIORES HERÓIS DO PLANETA EM AVENTURAS INÉDITAS • A/C CLEBER CACHOEIRAS - RUA HÉLIO AYRES MARCONDES, 53 - L'APETININGA - SP - 18214-735. • A4



ICFIRE - 71

NESTA EDIÇÃO, O SEGUNDO CAPÍTULO DE ICFIRE FG. UMA AVENTURA COM OS IRMÃOS M-CARL E S-LARD NUM ENORME DESERTO. E AGORA? O QUE FAZER? POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS E E-MAILS.
24 PÁG A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SELOS, OU TROCA. NOV/2010.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN



ICFIRE - 72

NESTA EDIÇÃO, MAIS ICFIRE FG É O CAPÍTULO TRES. AQUI M-CARL E S-LARD CONHECEM A ANJINHA MINIS VQT. ISSO É BOM? UMA AVENTURA POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS E E-MAILS.
24 PÁG A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SELOS, OU TROCA. DEZ/2010.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN



ICFIRE - 73

A PRIMEIRA EDIÇÃO DE 2011. CALENDÁRIO PARA OS LEITORES. 4 ANOS DO GIBI. NESTA EDIÇÃO, O CAPÍTULO QUATRO DE ICFIRE FG. O ENCONTRO COM O DR. OROK. UMA AVENTURA POR CHAGAS LIMA. IMPERDÍVEL. CARTAS. 24 PÁG A5. CAPA COR. R\$ 4, OU SELOS, OU TROCA. JAN/2011.
CHAGAS LIMA. R. MIRIAN COELI, 1737, LAGOA NOVA. 59054-440. NATAL/RN

QUADRINHOS

ALMANAQUE DE TARZAN 2011 * 2011 * 100 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 60,00 * **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

A.T.U.M. * n° 4 * jan/2011 * 48 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Victor Maia** - R. Nicarágua, 108/201A - Sion - Belo Horizonte - MG - 30320-050.

BENJAMIN PEPPE * n° 3 * jan/2011 * 32 pág. * A5 * R\$ 3,00 * **Paulo Miguel dos Anjos** - R. Kiel, 55/13-D - São Paulo - SP - 02512-050.

CARTUM * n° 59 * nov/2010 * 28 pág. * A5 * color. * R\$ 50,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

CORPORAÇÃO THEMIS * n° 6 * dez/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * **Carlos Masuda** - R. Estero Belaco, 186, ap.33 - São Paulo - SP - 04145-020.

CRÂNIO * n° 19 * dez/2010 * 28 pág. * A5 * R\$ 5,00 * **Francinildo Sena** - R. Des. Hemetério Fernandes, 231 - Pau dos Ferros - RN - 59900-000.

DESAJEITADO * 2010 * 12 pág. * A5 * **Matheus Muniz** - C.P. 011 - Americana - SP - 13465-970.

AS DESVENTURAS DE DAVI * n° 4 * dez/2010 * 36 pág. * A6 * capa color. * **Valdeci Carvalho** - Av. Oscar Araripe, 2027 - Alto Bom Jardim - Fortaleza - CE - 60540-440.

ENCOURAÇADOS * n° 1 * 2010 * 20 pág. * A5 * **Adriano Andrade** - R. 24 de Maio, 743 - Osório - RS - 95520-000.

FALSA CORAL * 2010 * 72 pág. * 170x240mm * capa color. * **Beto Martins** - C.P. 216 - Araguari - MG - 38440-970.

FORÇA ZINE * n° 8 * fev/2011 * 8 pág. * A5 * R\$ 2,00 * **Abdon Soussy** - R. Antônio Ribeiro da Silva, 145 - Marília - SP - 17527-561.

FUTEBOL DE BOM HUMOR * nov/2010 * 28 pág. * 150x160mm * color. * **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

GRANDES ENCONTROS * n° 1 * ago/2010 * 32 pág. * 170x250mm * color. * R\$ 5,90 * **Samielr Gonçalves** - R. Marechal Deodoro, 669-E - J. Itália - Chapecô - SC - 89802-140.

HERÓIS BRAZUCAS * n° 55 * dez/2010 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **Francinildo Sena** - R. Des. Hemetério Fernandes, 231 - Pau dos Ferros - RN - 59900-000.

HOMEM-CAMALEÃO * n° 7 * dez/2010 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 2,00 * **Ricelle Sullivan Suad** - 2ª Travessa da Rua Nova, 52 - Camboa - São Luís - MA - 65020-401.

HQQN * jan/2011 * 4 pág. * A4 * **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

ICFIRE * n° 71 * nov/2010 * 20 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

ICFIRE * n° 72 * dez/2010 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

ICFIRE * n° 73 * jan/2011 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Chagas Lima** – R. Miriam Coeli, 1737 – Lagoa Nova – Natal – RN – 59054-440.

ITABIRA 35 ANOS * nov/2010 * 84 pág. * 155x225mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 3535 – João Pessoa – 58037-970.

JORNAL GRAPHIQ * n° 48 * dez/2010 * 16 pág. * 280x320mm * R\$ 2,00 * **Mário Latino** – C.P. 213 – Suzano – SP – 08675-970.

KRAHOMIM * n° 3 * nov/2010 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

OS LENDÁRIOS * n° 1 a 5 * 2010 * 12 a 20 pág. * A5 * capa color. * **Cleber Cachoeiras** – R. Hélio Ayres Marcondes, 53 – J. Nova Era – Itapetininga – SP – 18214-735.

MORTOS! * n° 1 * out/2010 * 24 pág. * A5 * capa color. * R\$ 4,00 * **Adriano Gon** – R. Félix de Brito Melo, 946/1301 – Boa Viagem – Recife – PE – 51020-260.

OMI * n° 83 * 2010 * 20 pág. * **Gerd Bonau** – Berliner Strabe 9 – Rendsburg – 24768 – Alemanha.

PIECES * n° 3 * 2010 * 36 pág. * A5 * capa color. * **Mário Cau** – R. Dr. Guilherme da Silva, 53/92 – Cambuí – Campinas – SP – 13015-028.

40 ANOS DE DOROTI * dez/2010 * 36 pág. * 155x225mm * capa color. * **Emir Ribeiro** – C.P. 3535 – João Pessoa – 58037-970.

ROTEIRO nas HISTÓRIAS em QUADRINHOS * 2010 * 108 pág. * 130x190mm * capa color. * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

SUBTERRÂNEO * n° 39 * jan/2011 * A6 – folha A4 dobrada * **Marcos Venceslau** – Av. Assaré, 20 – V. Sabará – São Paulo – SP – 04446-060 – subterraneo.zine@gmail.com.

TARZAN * n° 7 * jul/2010 * 52 pág. * 180x270mm * capa color. * R\$ 30,00 * **Sérgio Luiz Franque** – R. César Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.

TORMENTA * n° 5 * nov/2010 * 36 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

TURMA DO GABI * n° 3 * dez/2010 * 28 pág. * A5 * capa color. * R\$ 5,00 * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * n° 125 * dez/2010 * 47 pág. * arquivo pdf via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

BLOGS Cultura Convergente e Participativa * 2010 * 84 pág. * 130x190mm * capa color. * **Henrique Magalhães** – Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180.

O CAPITAL * n° 197 * nov/2010 * 16 pág. * ofício * **Ilma Fontes** – Av. Ivo do Prado, 948 – Aracaju – SE – 49015-070.

CRÔNICAS NATALINAS * 2010 * 128 pág. * A5 * capa color. * **E. Figueiredo** – R. Tamiko Fuzioka, 212 – Granja Julieta – São Paulo – SP – 04728-190.

FANZINEIROS DO SÉCULO PASSADO * doc. em DVD * 2011 * **Márcio Sno** – marciosno@hotmail.com.

JORNAL DO SÁBIO * n° 278 * 2011 * 1 pág. * A4 * **Antônio Fernando de Andrade** – R. D. João Moura, 305 – Engenho do Meio – Recife – PE – 50730-030.

MENSAGEIRO * n° 199 * dez/2010 * 4 pág. * A5 * **Arthur Filho** – R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370.

PONTO DE PARTIDA * 2010 * 28 pág. * A5 * **Marcelo Dolabella** – R. Anapurus, 32; casa 1 – São Gabriel – Belo Horizonte – MG – 31980-210.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

AGENDA LITERÁRIA 2011 * Editora LiteraCidade – C. P. 5098 – Belém – PA – 66645-972.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA * n° 67 – C.P. 500 – Ag. W3 – 508 Sul – Brasília – DF – 70359-970.

COTIPORÁ CULTURAL * n° 32 * **Adão Wons** – R. Marclício Dias, 253 – Térreo – Cotiporá – RS – 95335-000.

EPISÓDIO CULTURAL * n° 15 * **Carlos Roberto de Souza** – R. das Andorinhas, 398 – Machado – MG – 37750-000.

FALANDO A SÓS * n° 28 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

FALANDO AO CORAÇÃO * **Osael de Carvalho** – C.P. 8009 – Rio de Janeiro – RJ – 21032-970.

O GARIMPO * n° 66 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

LETRAS SANTIAGUENSES * n° 90 – **Auri Sudati** – C.P. 411 – Santa Maria – RS – 97001-970.

LITERARTE * n° 308 * **Arlindo Nóbrega** – R. Rego Barros, 316 – São Paulo – SP – 03460-000.

PAPIROS * n° 14 * **A. F. Borba** – R. Alice Padilha, 251 – Camaquã – RS – 96180-000.

SÓ MEU GATO ME ENTENDE * n° 17 * **Filipe Teixeira** – R. Ana Batista, 445 – Fortaleza – CE – 60341-360.

VIDA E PAZ * n° 137 * **Mauro Sousa** – C.P. 2030 – Santos – SP – 11060-970.

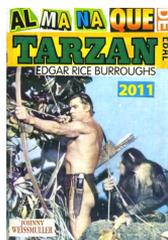
RECADOS

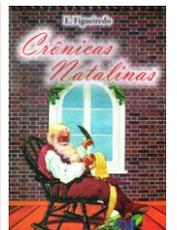
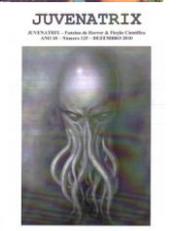
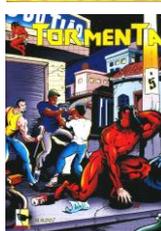
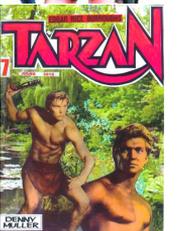
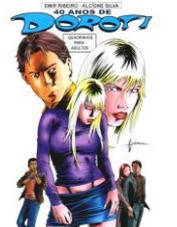
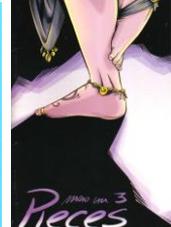
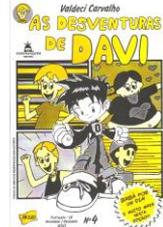
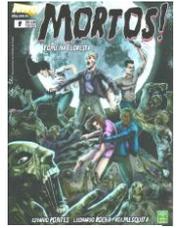
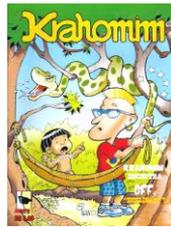
Benilson Toniolo divulga o II Prêmio Araucária de Literatura nas categorias Poesia e Conto. – premioaraucariadeliteratura@bol.com.br.

Lari Franceschetto envia folheto poético com amostra de seu trabalho. Contato com Lari: - R. João L. Carvalho, 98 – Veranópolis – RS – 95330-000.

Abelardo Souza enviou sua Relação de Gibis para Venda n° 1 de 2011. – R. Oswald Prado, 102 – Mesquita – RJ – 26580-370.

GALERIA DE CAPAS







Do fundo do Baú.



SAIU INTEIRO, NÃO É
MESMO UM IRMÃO BIGAIL.

TEM UM ESPAÇO VAGO
NO MEU LABORATÓRIO.
PODE COLOCAR LÁ SEU
EQUIPAMENTO.

E JÁ PODE COMEÇAR A
TRABALHAR NO FUNGO E NA
SEMENTE DE MANÁ®.

CONSEGUIU O QUE VOCÊ
QUERIA COM O PARDAL?

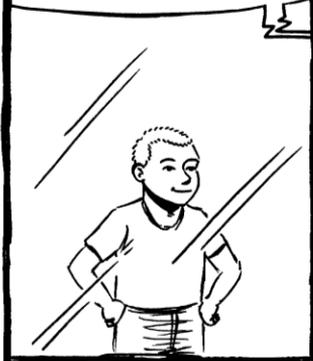
EM SITUAÇÃO DE
PERIGO, VOCÊ NÃO
CONTE COM ELE...

MAS NÃO DUVIDE DA
AMIZADE E ADMIRAÇÃO
QUE ELE TEM POR VOCÊ
E OS MENINOS.

VOU AJUDAR O PARDAL
A SE INSTALAR.

Ô QUIJARA! CONTA PRA
GENTE COMO FOI A CILADA
QUE O TIO RICO ARMOU
PRO PARDAL...

VOCÊ APROVEITA BEM
SUA SITUAÇÃO, PARA
SER ABUSADO, NÃO?



SE EU RESOLVER
DESCOBRIR COMO ENTRAR
AÍ, VOCÊ SABE QUE
EU CONSIGO.



ENTRAR NÃO É
TÃO DIFÍCIL.

O PROBLEMA
É SAIR.



É MAIS OU MENOS O
PRINCÍPIO DA RATOEIRA.



A GENTE SÓ ESTÁ
CURIOSO PARA SABER
O CASO DO PARDAL ...



JÁ PERGUNTAMOS A
ELE E AO TIO, MAS
NÃO DISSERAM NADA ...



TALVEZ POR CAUSA DOS
DETALHES IMPRÓPRIOS ...



VOCÊ QUER DIZER:
PORQUE ENVOLVE
SEXO ...



NÓS SOMOS PRODUTOS
DE UM PROCESSO QUE
ENVOLVEU SEXO
ARTIFICIAL...



POR QUE SERIA
IMPRÓPRIA UMA
HISTÓRIA ENVOLVENDO
SEXO NATURAL?



EU ME RENDO, VOU
CONTAR O CASO COM
TODOS OS DETALHES...



PELO QUE SEI, O PARDAL
ESTUDOU E TRABALHOU
A VIDA TODA E TINHA UM
BOM EMPREGO NO CENTRO
DE PESQUISA DE SEU TIO.



NUNCA TEVE TEMPO PARA
A VIDA AMOROSA...

